

Credores debatem em Washington soluções para a crise da dívida

por Kunio Inque
da Reuters

As novas opções para reduzir o total das dívidas dos países do Terceiro Mundo deverão ser o tema central das reuniões do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial (Bird) e provavelmente do "Grupo dos Sete" a realizar-se em Washington, neste mês.

"A não ser que venhamos a reduzir o total das dívidas, poderemos não ver nenhuma luz no final do túnel", previu uma alta fonte do Ministério das Finanças do Japão, em entrevista a Reuters.

A preeminente autoridade japonesa afirmou que se amplia o consenso de que a prática de fornecer novos créditos às nações devedoras para que estas paguem seus juros não é mais uma solução viável.

Especula-se no mercado que o grupo das sete principais nações industrializadas (EUA, Japão, Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Canadá) realizará no próximo dia 13 uma reunião em Washington para discutir soluções para a crise da dívida do Terceiro Mundo. Este encontro antecederia a reunião do dia 14 do Comitê Interino do FMI e a do dia 15 do Comitê de Desenvolvimento Conjunto do Bird.

Segundo funcionários do

Iugoslávia e FMI firmam "stand-by"

A Iugoslávia e o Fundo Monetário Internacional (FMI) chegaram a um acordo "stand-by" que inclui uma monitoração mais intensa do desempenho econômico geral do país.

O acordo de crédito "stand-by", previsto para durar um ano, era uma precondição para a continuação das negociações entre a Iugoslávia e seus credores ocidentais para o

reescalonamento da dívida de US\$ 20 bilhões do país, informou o vice-primeiro-ministro Janciz Zemljarić.

Zemljarić acrescentou que o acordo com o FMI servirá de base para o reescalonamento a longo prazo da dívida iugoslava pelas nações-membros do Clube de Paris.

A Iugoslávia espera reescalonar pelo menos US\$ 1,3 bilhão e obter US\$ 2,1 bilhões

em novos empréstimos em 1988, disseram fontes bancárias iugoslavas.

Um acordo de crédito "stand-by" implica a monitoração mais rigorosa da economia pelo FMI. Há quase dois anos, ele foi substituído, pelo chamado sistema de monitoração intensificada, que requer um menor grau de vigilância por parte do Fundo. (AP/Dow Jones)

ministério japonês, tanto as nações devedoras quanto as credoras tentaram resolver o problema, através do que o secretário do Tesouro norte-americano, James Baker III, considerou um cardápio de opções financeiras para facilitar os pacotes de créditos dos bancos comerciais.

A conversão de dívidas em investimentos, por exemplo, tem sido um mecanismo útil, mas não pode tornar-se solução abrangente, já que existem limitadas oportunidades de investimento nas nações devedoras do Terceiro Mundo, comentou o alto funcionário do ministério.

As conversões (swaps) permitem que investidores adquiram parte da dívida de uma nação devedora, com um desconto substancial (deságio), resgatem o empréstimo no banco central do país devedor quase que pelo seu valor total em moeda local e, em seguida, invista o dinheiro naquele país.

"Poderia haver muitas outras técnicas, e novas técnicas precisam ser acrescentadas", disse o funcionário.

Autoridades japonesas não aceitam o argumento de que os governos credores devem arcar com uma maior carga da redução dos débitos, contribuindo com dinheiro pago pelo contribuinte. Disseram que aqueles governos já contri-

buíram com a sua parte através do Clube de Paris, integrado pelos principais credores. Em vez disso, acrescentaram, organizações internacionais, como o FMI e o BIRD, deveriam ter uma participação mais ampla.

NOVOS MECANISMOS

Um esquema que está sendo estudado é um novo sistema externo de contingência (ECF-External Contingency Facility) que o secretário Baker propôs na reunião anual do FMI/Bird em setembro do ano passado, disseram as autoridades.

O novo sistema, a ser desenvolvido no FMI e que deverá substituir o atual esquema compensatório de financiamento (CFF — Compensatory Financing Facility), proporcionaria créditos de emergência às nações em desenvolvimento para ajudar a amortecer os efeitos adversos de acontecimentos externos imprevisíveis, como preços mais baixos de "commodities", volumes mais reduzidos das exportações, desastres naturais e taxas de juro mais altas.

O Japão apóia a ideia básica do esquema, pois ele ajudaria as nações devedoras a melhor absorver quaisquer mudanças significativas nas condições econômicas mundiais, disseram as autoridades. En-

tretanto, muitos países estão divididos em relação aos detalhes do novo sistema, e crescentaram.

Diferentemente do CFF, que proporciona às nações em desenvolvimento créditos incondicionais para compensar perdas com as exportações — no caso de ocorrer uma baixa súbita nos preços de "commodities" —, o novo esquema proposto, o ECF, exigiria que esses países ajustassem suas políticas econômicas de acordo com as recomendações do FMI.

Muitos países em desenvolvimento manifestaram-se contrários a isso, porque obtiveram créditos incondicionais sob o sistema CFF, que existe há 25 anos, informou uma outra autoridade do ministério.

"Entretanto, qualquer medida de alívio deveria ser acompanhada pelos esforços das nações devedoras em empreender seus ajustes, e essa é a posição que levaremos à próxima reunião do FMI", acrescentou.

(Pela primeira vez o Japão renegociou uma dívida permitindo juros mais baixos. A concessão foi feita ao México. Na semana passada, o governo japonês renegociou 48 bilhões de ienes (cerca de US\$ 400 milhões) da dívida mexicana com o Eximbank do país e outras instituições, por mais nove anos. Sob o acordo os juros de 7,7% passaram a 6,1%.)